Anno 2.º — Quinta-feira, 21 de Março de 1912 — Numero 59

A LIBERDADE

Secretario e Redactor — Ruy da Cunha e Costa

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)
AVEIRO

Jornal Republicano

Director, proprietario e editor
ALBERTO SOUTO

Administrador — Pompilio Ratolla

Redacção e Administração — Rua dos Tavares
AVEIRO

(Avença)

Pela Patria!

Terra de sol, terra de trevas

O ANALPHABETISMO

Uma introducção ao estudo do nosso desequilibrio economico.—O analphabetismo nos censos e na emigração.—Portugal na balança da Europa.—Na America.—As nossas escolas.—As nossas conclusões.

Antes de começarmos a examinar o *deve* e o *haver* da nossa balança commercial e a corroborarmos com a logica dos numeros das estatisticas as apprehensões que temos e os receios que vimos expondo sobre a vida do paiz, permittam-nos os nossos leitores que, como introducção, lhes fallemos do *cancro* do nosso analphabetismo, para nos servirmos do termo consagrado.

Essa exposição a que cortámos todos os commentarios de ordem pedagogica ou philosophica, que para a demonstração da nossa these pouco interessariam, é resumida e breve. Nem por isso ella é menos impressionante e menos desoladora. N'esses numeros que o leitor paciente e attento e que pelo assumpto se interessar verá desenrolarem-se sob suas vistas, está uma tragedia. A tragedia de um povo em agonia, que pela revolução, talvez n'um ultimo arranco, ergueu as mãos desesperadamente para se agarrar á vida.

Este preambulo era-nos necessario. Por elle o leitor, ponderado e circumspecto, comprehenderá melhor a rasão das nossas duvidas sobre o destino do povo portuguez.

Um povo que tem as finanças avariadas como nós vimos, que não tem dinheiro para satisfazer as necessidades urgentissimas do seu progresso e para as despezas inevitaveis que são a condição essencial do seu resurgimento; um povo que tem uma balança commercial desequilibrada como veremos, sangrando desde ha muitos annos e continuamente e cada vez mais por importantissimos *deficits* na sua economia geral; um povo que está de tal forma carregado de impostos e de dividas que é aquelle que mais deve e mais paga de contribuições na Europa; um povo que tem um *imperio* colonial sem colonos, com uma emigração espantosa, exposto a todos os ataques sem defeza, com mais de metade da sua superficie agraria inculta importando viveres, com quasi todas as suas estradas e portos arruinados, com um systhema pautal quasi prohibitivo e que em cima de todos estes males, quando se pretende levantar e reorganisar, encontra uma tal base de analphabetismo com todos os seus peores vicios de falta de educação technica, de iniciativa e de caracter, acha-se na mais falsa e melindrosa das situações.

E de duas uma, repetimos e mil vezes o repetiremos—ou se resolve a fazer intelligente e avisadamente o maior dos sacrificios que a sua historia lhe pode impôr e a viver e caminhar, ou desanima e tomba, impotente e vencido, incapaz de progredir com a rapidez indispensavel e então está morto.

Morto ou prostrado. Morto ou captaletico á mercê do primeiro audacioso que appareça ou do primeiro conflicto entre os leões esfomeados.

Vejamos antes de mais nada, pois, o que possuimos de

ANALPHABETISMO

Não faremos considerações propriamente sobre esta questão tão debatida e tão largamente criticada, como dissemos, porque ellas aqui não cabem.

Tanto mais que — perdôem-nos a malicia — chegamos a ter receios de que, á força de fallar em analphabetismo, se cheguem todos a familiarisar tanto com o termo e com a miseria vergonhosa que elle expressa, que acabem por lhe perder o mêdo, como pelo abuso do boato e da conspiração se desauctorisaram os boateiros e os conspiradores.

Os numeros fallam por nós e o leitor mesmo não terá que fazer grandes esforços de raciocinio, porque os proprios numeros que teem eloquencia, raciocinam pelos mais atilados cerebros.

Segundo o censo de 1900, quasi que o unico elemento de estudo que possuimos para este fim, pois que os resultados do censo de 1911 não são ainda conhecidos e os annuarios estatisticos andam tão atrazados que apenas se publicou agora o de 1903, a percentagem de analphabetos era assim distribuida em Portugal e ilhas adjacentes: Numero de habitantes, 5.423:132; Numero de analphabetos, 4.261:336; percentagem, 78,6 p. c., sendo 78 p. c. para o Continente e 85,2 para as Ilhas Adjacentes.

Esta percentagem subia comtudo em alguns districtos como Santarem e Evora a 82 0|0; n'outros como Portalegre, Guarda, Faro, Coimbra e Bragança a 83 p. c.; n'outros como Beja e Vizeu a 85 p. c.; em Leiria e Castello Branco a 86,5 p. c. e a 90 p. c. no Funchal, havendo freguezias, como a de Pomares, do districto de Evora, onde a percentagem attingiu 94 p. c.!

O censo de 1890 accusava: habitantes, 5.049:729; analphabetos, 4.000:957; ou sejam 79,2 cada 100 que não sabiam ler nem escrever.

Isto é, a instrucção geral do paiz augmentou apenas em 10 annos — 6 decimos!

Melhorou a situação de 1900 para cá?

Duvidamos. E' possivel mesmo que tenha peorado com o acrescimo da população que não foi certamente acompanhado, proporcionalmente, do acrescimo do numero de escolas em condições necessarias e de professores, apesar dos esforços feitos, da propaganda intensa e do grande numero de escolas officiaes de centros e sociedades que n'este decenio se abriram pelo paiz.

E se assim suppomos, não é por mero palpite. Se não vejamos as bases das nossas desconfianças.

Pelo censo de 1900 havia 279:510 varões e 279:058 femeas, analphabetos, entre os 5 e os 9 annos de idade, e sabendo ler apenas 30:928 rapazes e 21:296 raparigas d'essa idade. Na população dos 10 aos 14 annos, encontram-se analphabetos rapazes 209:358 e 229:417 raparigas, sabendo ler n'essa idade apenas 85:928 do sexo masculino e do sexo feminino 55:578, o que dá uma percentagem de 76 p. c. Estes numeros não nos dão esperanças, pois, de vermos muito diminuida a percentagem dos que não sabem ler nem escrever no censo de 1911, a não ser que a população tenha crescido n'estes ultimos dez annos n'uma pequenissima proporção.

Mas tudo nos leva a crer que com o augmento de população que deve ter havido e com o augmento da emigração que faz os seus recrutamentos de preferencia entre os que sabem ler e escrever, nós não melhorámos o necessario em grau de instrucção elementar n'este já largo espaço de tempo.

E tanto é possivel que assim aconteça que, apesar da razão exposta da preferencia emigratoria d'aquelles que possuem alguma instrucção, o governo civil do Funchal em 1905 constatou que 84 por cento dos seus emigrantes do sexo masculino e 98 por cento dos da sexo feminino eram analphabetos.

O analphabetismo e a emigração

E este triste quadro e as nossas terriveis suspeitas vêem-se confirmadas ainda pela estatistica da emigração, onde, como dissemos, a percentagem de analphabetos é de ordinario muito inferior á percentagem geral e que nos diz o seguinte:

1905

Total de emigrantes, 34:220; analphabetos, 19:503; percentagem, 56,59 p. c.

1906

Total, 38:685; analphabetos, 22:545; percentagem, 58,28 p. c.

1907

Total, 42:521; analphabetos, 24:716; percentagem, 58:13 p. c.

1908

Total, 40:494; analphabetos, 24:320; percentagem, 60,06 p. c.

1909

Total, 38:762; analphabetos, 23:164; percentagem, 59,76 p. c.

Do que se conclue que entre 1905 e 1909 a percentagem do analphabetismo entre os nossos emigrantes augmentou, o que é para nós, sob todos os pontos de vista e principalmente d'aquelle de que nos vimos occupando, um indicio bem pouco consolador.

Ora emquanto nós tinhamos a nossa mais baixa percentagem de analphabetos em edade escolar (até aos 14 annos) no anno de 1900, em 76 p. c., isto é, emquanto nós tinhamos apenas 24 p. c. ou ainda menos de creanças em edade escolar, sabendo lêr e escrever, em 1905, o Japão tinha 93,2 p. c. de creanças em edade escolar frequentando as suas escolas, o que para mais facil retenção vamos exprimir n'este ignominioso quadro comparativo:

Creanças em edade escolar

(*Analphabetas em cada* 100)

Portugal, minimo, 76; Japão, 6,8.

Sabendo lêr e escrever

(*Em cada* 100)

Portugal, 24; Japão, 93,2.

Com respeito á percentagem de escolas, para não maçarmos o leitor, pois precisamos muito da sua attenção, diremos apenas que em 1900, em Lisboa, a cidade onde ha mais escolas, mais professores e menos analphabetos, havia apenas uma escola para cada 294 alumnos e uma escola infantil para 12:329 creanças na edade propria d'essas escolas. O resto do paiz tinha n'essa data 3:921 freguezias. Pois d'essas, a quarta parte, ou 925 freguezias não tinham uma escola sequer, havendo concelhos como o de Arouca que tinha 13 freguezias sem nenhuma escola, o de Vinhais 21 e o de Barcellos 69!

Comparemos agora a nossa situação com a do estrangeiro, para que mais nitido resalte a nossa vergonha e a nossa inferioridade.

Percentagem de analphabetos na Europa em 1906

(*por cada* 100 *habitantes*)

Dinamarca e Noruega, 0; Alemanha, 0,05; Suissa, 0,15; Holanda, 2,1; Inglaterra, 2,7; França, 4,32; Belgica, 9,39; Austria, 20,39; Italia (Norte), 28; Grecia, 30; Hungria, 47; Italia (Centro), 51; Hespanha, 68; Italia (Sul), 69; Russia. 70; Sardenha e Sicilia, 70,42; PORTUGAL, 70,8; Servia, 86; Roumania, 88,4.

Nos Estados Unidos da America ha apenas 6,2 p. c. de analphabetos e entre os negros, que como se sabe, ali são votados, como inferiores, estupidos e ignorantes, a um profundo desprezo, a percentagem de analphabetos é apenas de 52,7 p. c., isto é, 18,1 mais baixa que a nossa.

Das mulheres portuguezas apenas 15 entre 100 sabem ler. Pois na America as ragarigas frequentam as escolas em numero superior aos rapazes.

Ha comtudo quem seja menos pessimista n'estes dados. O sr. dr. Carneiro de Moura, por exemplo, n'um relatorio publicado em 1909, affirma que a media de analphabetos na metropole é de 39 p. c. o que diz accusar um grande desenvolvimento da instrucção nos ultimos 20 annos.

Não sabemos como o illustre escriptor poude fazer semelhante calculo, quando n'uma synopse final do seu livro nos diz que ha no paiz 650:000 creanças em edade escolar, das quaes faltam á escola 330:000, frequentando apenas 15:200 as aulas particulares. Ora se nem todas as que frequentam as escolas, principalmente as escolas das aldeias, conseguem aprender a ler, nós teremos entre a população escolar uma percentagem de 67 p. c. de analphabetos e não nos parece legitimo, portanto, em face de todos os outros dados que atraz mencionamos, que a percentagem do analphabetismo tenha diminuido assim em 10 annos de 78 para 39 p. c. Oxalá que assim fosse!

A Republica e a instrucção.—O povo e a Republica.—O nosso circulo vicioso.

E' certo que a Republica muito fez já em materia de instrucção. Muito? Será talvez uma expressão forte e enthusiastica de mais.

A Republica o que tem feito é pouco, é nada para o que é preciso fazer-se.

Tem mostrado boa vontade, porque muito, o muito necessario, não pode ella fazer.

Falta-lhe o que para tudo nos falta—o dinheiro.

A Republica, comtudo, postas na folha ministerial, á sua conta e responsabilidade, as asneiras burocraticas e reformadoras, mostrou a mais bella das boas vontades em materia de instrucção.

Nem por isso diminuiu, porém, já rapidamente a *ignorancia nacional;* nem por isso os seus beneficos effeitos se podem fazer sentir já no grau de instrucção e educação do nosso povo.

E ainda mesmo que se tenha dado o facto de nos ultimos dez annos se ter desenvolvido magnificamente a instrucção no paiz e diminuido o numero dos analphabetos, nem por isso deixa de ter rasão o nosso pessimismo.

Na verdade basta uma pequena reflexão para se ver a logica e o fundamento das nossas previsões.

A diminuição do analphabetismo a ter-se dado sensivelmente nos ultimos dez annos, teve logar entre os escolares, dos 6 aos 14 annos de edade.

Portanto a Republica não póde contar com uma camada util apreciavel, com alguma instrucção, para o trabalho e para os emprehendimentos e cooperações da vida social, se não d'aqui por alguns annos. Mas como vem educada essa gente? E por quem vem educada?

Vem com aquella deficientissima instrucção da escola primaria, lendo difficilmente, comprehendendo apenas á custa de longo tempo de esforço o que lê em guinadas de soletração e escrevendo pela fórma mais estravagante com as mais incriveis obscenidades grammaticaes e ortographicas.

Os que sahem da escola primaria e dizem que sabem ler e escrever! E' ouvil-os ler um jornal ou um livro; é vel-os escrever uma carta!

Em cada escola das nossas aldeias, onde os alumnos se acomulam por 80, 100 e mais para cada professor, nas peiores condições de ensino, com uma frequencia irregularissima e com innumeras anormalidades e deficiencias pedagogicas, áparte uma duzia dos que se habilitam para exame e destes se approximam, o resto sae, de ordinario, pessimamente instruido.

O professor não chega a ter tempo nem resistencia para mais que ensinar-lhes a leitura, a escripta e a conta, rudimentarmente.

E isto o que é? Isto para que serve sem o existente da curiosidade que pela educação escolar deve ser ministrada e sem a orientação moderna, de trabalho e observação, iniciativa e pratica?

E por quem foi modelado o espirito e o caracter destas gerações?

Pelo pae analphabeto e agarrado á rotina, pela mãe ignorante e supersticiosa, pelo padre e pelo politico, duas entidades que poderiam dar um grande impulso ao desenvolvimento das qualidades de trabalho e progresso do nosso povo, mas que apenas até hoje, na sua grande parte, bestialisaram e corromperam.

Mas onde iriam parar as nossas considerações se teimassemos em as fazer?

Escusamo-nos de dizer mais. Concluimos, que isto não é livro, é jornal e um jornal pequeno.

Concluimos—uma das grandes difficuldades que a Republica tem a vencer, se poder vencer, é esta, a da ignorancia, atrazo e falta de educação da grande massa do nosso povo.

N'estes annos mais proximos a Republica só poderá contar para a sua obra de reorganisação consciente, que tem de ser rapida, com uma pequenissima minoria da população do paiz.

E eis, afinal e sempre, o formidavel circulo vicioso em que nos encontramos e que é a razão do nosso tão discutido pessimismo: A Republica, o Paiz, a Nação, precisa de um povo instruido, educado e rejuvenescido.

Não o tem. Precisa de o fazer, de o preparar e para isso falta-lhe o indispensavel—o dinheiro!

O dinheiro, sempre o dinheiro!

O dinheiro! e como conseguil-o? *Is the question!*

Eis afinal a chave do grande problema do nosso futuro.

Diga-se a verdade! Olhe-se pela Patria!

Proseguimos na nossa campanha. E' uma obra patriotica, conscienciosa e séria que fazemos.

Digam o que quizerem e pensem como entenderem. Nós entendemos assim.

E' preciso que o paiz saiba a verdade da sua situação, para que se não illuda e se não julgue com forças que não possue.

O que fizemos na nossa campanha de propaganda republicana revolucionaria, foi dizer ao povo os perigos que o ameaçavam, os males que o affligiam, os problemas que o interessavam, as questões que tinha a resolver e o caminho que devia seguir.

Nunca o illudimos, felizmente. Nunca ninguem ouviu da nossa bocca a promessa de fazer vender o bacalhau a 60 réis e o arroz a vintem.

Nunca fizemos promessa nenhuma, senão esta — trabalharmos com afinco na obra do resurgimento nacional, que não podia ser de um homem apenas, mas da nação inteira, de todo o povo.

Mas o que sempre affirmámos bem alto, nos comicios em que fallámos, todos o sabem, se é que todos os que nos ouviram souberam ouvir, foi que era urgente fazer a Republica, que a Republica teria a luctar com as maiores difficuldades e que ella viria impôr á Nação enormes sacrificios, como condição do seu resurgimento. Isto está por ahi escripto em artigos nossos e nos extractos dos nossos discursos.

E' quasi o mesmo que hoje continuamos a dizer. Se dissessemos que a Republica resolveu todos os problemas nacionaes, mentiriamos a nós mesmos.

Se dissessemos que a Republica está habilitada a resolvel-os com uma perna ás costas, mentiriamos a nós mesmos. Se dissessemos que tudo corre no melhor dos mundos possiveis, mentiriamos. Como mentiriamos tambem se dissessemos que a Republica, só pelo seu bonito nome, basta para garantir o futuro da nacionalidade, deveras compromettido pelos erros passados, difficultosamente reparaveis.

Trazer os povos illudidos é um mal, é um erro. A monarchia illudia o povo, dizendo-lhe que tudo ia bem. Nós affirmavamos que tudo ia mal, gravemente mal, e fizemos a revolução, mercê da força d'essa verdade.

Não sigamos o caminho da monarchia. Digamos a verdade, sempre a verdade, para que o povo saiba viver e soffrer por si e conheça a sua propria vida e tenha a intuição das suas proprias necessidades.

A França em 70 gritou *a Berlim!* lançando-se na desastrosa guerra com a Allemanha, porque a haviam enganado dizendo-lhe que *nem um botão faltava na farda dos seus soldados.*

Viu-se depois que lhe faltava tudo, menos a espectaculosa mentira d'um imperador burlão.

A Hespanha, julgando-se possuidora de uma armada, lançou-se na guerra de Cuba; viu depois que não tinha nada, nem navios, nem munições, nem artilheiros.

Nós julgámo-nos ricos com a pedraria da India, com o oiro do Brazil e com a protecção dos santos. Deitámo-nos de barriga para o ar a dormir a somno solto. Quando acordámos, estavamos famintos.

A monarchia julgava-se forte com o apoio do exercito. Em 4 de

outubro entravam-lhe pelas janellas as granadas da revolução. Não vá a gente agora julgar-se seguro e forte apenas com as boas palavras dos discursos e as quentes manifestações das praças publicas.

No primeiro conflicto que estale na Europa, poderemos constatar a nossa humilhante fraqueza. Na primeira occasião em que nos façam abrir bem os olhos para nós, como Jehovah fez aos nossos Paes no Paraizo, poderemos ver afinal, e já bem tarde, que não temos direito á vida como nação independente e povo autonomo.

Cuidemos de nós, muito a serio.

Dizendo a verdade ao povo para que o povo saiba o que deve a si proprio e impondo a todos, a todos, grandes e pequenos, a bem ou a mal, o respeito pela salvação publica. Cuidemos de nós!

Monarchia portugueza, com gente portugueza, não volta cá mais. Um rei, não se tornará nunca a sentar no throno portuguez.

Se não existisse a força republicana, a força dos seus soldados e a força do seu povo, existiria a força do senso e do raciocinio mais elementar.

O paiz do que precisa não é de reis nem de principes. Precisa de dinheiro e de energias. De juizo e de administração. De riqueza e de vontade.

As revoluções custam muito á economia d'um povo e o povo que, como o nosso, pela simples e piegas infantilidade de restaurar um reisinho imbecilmente decorativo, commettesse a loucura de se lançar em novas rebeliões, era um povo que se suicidava.

Duplo suicidio — um perante a gargalhada mundial; outro perante a sua economia e o seu futuro.

Um rei não se poderá, pois, sentar mais á testa do nosso governo.

Nem um rei portuguez, nem um rei estrangeiro.

A Allemanha não foi pôr nenhum rei na Alsacia-Lorena.

A Inglaterra não foi dar nenhum rei ao Transwaal nem ao Orange. A Russia não deu nenhum rei á Polonia. A Inglaterra não levou nenhum rei para o Egypto.

Napoleão, fabricante de reis, morreu em Santa Helena e os potentados, hoje, não se preoccupam com essas ninharias. Preoccupam-se com os seus interesses e nada mais.

Mas o que nos podem fazer é entrar-nos pelo ministerio das finanças e fazerem-nos o que a *entente* Anglo-Russa está fazendo á Persia.

Cuidemos de nós, pensemos muito em nós. Porque se não, quando menos nos precatarmos temos acabada, com a Republica, a independencia nacional.

Viemos tarde? A Nação acordou tarde? Pois é preciso que ninguem mais adormeça n'este paiz.

Aaproveitemos o tempo. *Time is money*, dizem os praticos inglezes.

O proprio tempo é dinheiro e a questão do dinheiro é para nós o maior dos problemas, n'esta grave crise que atravessamos.

REPAROS

Uma excepção para um jornal local que nos é imposta pela sua especialissima situação politica.

O Democrata, fez-nos tambem os seus reparos sobre o primeiro artigo aqui publicado com o titulo — *Para os portuguezes lerem* e que tanta celeuma ergueu.

Ora esses reparos são acompanhados de algumas considerações, que pela fórma um pouco ambigua como são feitas, deixam no espirito de muita gente duvidas sobre as pessoas a quem são dirigidas e sobre a lealdade da camaradagem que julgavamos haver entre o *Democrata* e quem nunca por falta d'ella peccou.

Não seriamos importunos se pedissemos ao collega que se explicasse melhor?

DR. AFFONSO COSTA

A' sua chegada a Lisboa o illustre estadista é alvo de uma calorosa ovação

Chegou á capital da Republica, vindo do estrangeiro, onde foi fazer uma estação de cura e descanço, o sr. dr. Affonso Costa.

Deixando a Suissa, onde se demorou alguns mezes, o grande portuguez esteve em Paris. A sua estada na capital franceza foi um acontecimento.

Quasi todos os jornaes parisienses publicaram as suas entrevistas com o sr. dr. Affonso Costa. Politicos e pensadores, dos mais eminentes, manifestaram-lhe as maiores provas de consideração.

Ainda ultimamente Clémenceau, a figura de maior relevo na politica franceza dos ultimos tempos, se demorou com Affonso Costa trocando impressões sobre o nosso paiz e os seus mais importantes problemas.

Varios banquetes de homenagem lhe foram aí offerecidos. Na Suissa durante a sua vilegiatura e em Vigo na sua passagem, tambem o eminente estadista foi muito cumprimentado, sendo objecto das mais captivantes attenções, quer por parte dos particulares, quer por parte das entidades officiaes.

No Tejo

Em Lisboa a sua recepção foi brilhantissima. Foi alguma coisa mais que uma recepção; foi uma verdadeira apotheose em que se salientaram ao lado do povo, representações das mais elevadas camadas sociaes e figuras do maior relevo na vida nacional.

O sr. dr. Affonso Costa fez a sua viagem por mar, embarcando em Cherburgo no *Cap Blanc*, da Companhia Hamburgueza.

A' barra foram esperal-o varios vapores repletos de amigos pessoaes e admiradores do seu talento, representantes de varias collectividades, senadores e deputados do Grupo Parlamantar Democratico, officiaes do exercito e da armada, professores, juizes, commerciantes, muitas senhoras, etc.

Quando o *Cap Blanc* chegou ao Bomsuccesso e Torre de Belem, onde se encontrava a flotilha de vapores e barcos embandeirados que aguardavam a chegada do illustre republicano, resoou no Tejo um formidavel côro de aclamações, acompanhado pelas bandas de musica e pelo estralejar de muitos foguetes.

Os passageiros de todas as classes do *Cap Blanc* associaram-se á grandiosa manifestação dando vivas a Portugal e á Republica Portugueza, aclamando e acenando com os lenços. Os soldados da bateria do Bomsuccesso o mesmo fizeram, despertando grande enthusiasmo.

Quando o dr. Affonso Costa appareceu a agradecer as manifestações e os vapores se approximaram do grande trans atlantico, foi sobre as aguas do Tejo um verdadeiro delirio. Uma scena soberba a d'essa apotheose, embalada pela vaga, entre o ensurdecedor rugido das sirénes dos vapores que se saudavam, os hymnos das musicas e as aclamações estrondosas dos milhares de pessoas que iam nos vapores.

O desembarque. No Terreiro do Paço. Nas ruas do trajecto.

Na estação de vapores do Sul e Sueste onde se fez o desembarque, pelas 13 horas da tarde, no Terreiro do Paço, Caes das Columnas e muralha de Alfandega, apinhava-se uma multidão enorme que nem a propria chuva nem a demora dos vapores que se esperavam ás 10 horas da manhã, fez debandar.

O dr. Affonso Costa foi freneticamente aclamado pela multidão, por entre a qual rompeu a custo, seguindo de automovel pèla rua Aurea, Rocio e Avenida para sua casa, acompanhado por muitos carros e automoveis, varios centros e bandas de musica.

A enorme quantidade de povo que o acompanhou no cortejo e que se juntou á sua passagem no Terreiro do Paço, rua Aurea e Rocio impediu o transito dos electricos durante mais de uma hora.

Os marinheiros do cruzador *Vasco da Gama*, que pela telegraphia sem fios haviam já saudado no alto mar o dr. Affonso Costa dizendo-lhe da mesma forma as manifestações que o aguardavam, os marinheiros do *Almirante Reis* e Arsenal, as senhoras das janellas e o povo das ruas, saudaram o enthusiasticamente, sendo a sua passagem pelas ruas da capital um verdadeiro triumpho.

As nossas palavras não podem dar a menor impressão do que foi esse acolhimento. As photographias publicadas pelos jornaes dão bem melhor a noticia de tão memoravel apotheose.

A *Liberdade*, como todos os republicanos que sabem apreciar as qualidades do grande estadista e que conhecem a situação da Republica e do paiz, sauda, no dr. Affonso Costa, o homem de estado de quem o povo portuguez tem a esperar, n'esta phase de reorganisação, os maiores serviços e em quem deposita as suas melhores esperanças.

——

O dr. Affonso Costa tem recebido de todos os pontos do paiz milhares de saudações.

A *Liberdade* enviou ao illustre estadista o seguinte telegramma:

A redacção da «Liberdade» felicita V. Ex.ª pelo seu feliz regresso e associa-se enthusiasticamente á merecida homenagem que o povo republicano de todo o paiz acaba de lhe prestar.

Governador civil

Partiu hontem para Lisboa, o snr. Julio Ribeiro de Almeida, illustre governador civil d'Aveiro, que ali vae tratar de varios assumptos referentes ao districto.

Sua ex.ª esforça-se por conseguir que a verba destinada ás obras hydraulicas seja reduzida e incluida no orçamento uma verba fixa para conclusão do canal do Espinheiro.

O snr. Ribeiro de Almeida insistirá ainda com o snr. ministro do fomento para que as estradas do districto sejam reparadas no mais curto espaço de tempo e intercederá junto do snr. ministro da marinha para que as lanchas destinadas á fiscalisação da ria se não façam demorar.

Industria bacalhoeira. Marinha mercante.

Um importante projecto de lei

O deputado e nosso director, sr. Alberto Souto, vae apresentar ao Parlamento um projecto de lei diminuindo os direitos de importação sobre o bacalhau pescado por navios nacionaes, baseado nas considerações que por varias vezes aqui temos feito sobre o assumpto.

Esse projecto de lei, que deve ser largamente justificado, com um estudo honesto a que aquelle deputado está procedendo, terá, se fôr approvado, embora cerceie os rendimentos alfandegarios, um largo e decisivo alcance, não só para a economia nacional e para a industria da pesca, mas tambem para a industria salineira, construcção de navios de vela e para a marinha mercante portugueza, hoje tão decadente.

O paiz inteiro terá a lucrar com uma medida tão rasgada, como essa que só pode encontrar difficuldades nas condições actuaes do thesouro.

Aveiro e Ilhavo, bem como a Figueira da Foz, Porto e Lisboa, teem enormes interesses n'este plano de reorganisação.

Aveiro e Ilhavo, sobretudo, teem immenso a esperar do desenvolvimento da nossa pesca bacalhoeira, tanto mais que podem fornecer o navio, a tripulação e o sal e todos os demais trabalhos de seccagem e preparações em terra.

O que é preciso é que os capitaes se preparem para estas emprezas e entrem n'ellas com iniciativa e decisão.

Dr. Alberto Ruella

Este nosso estimavel amigo, official do registo civil em Castello de Paiva e filho do sr. dr. Joaquim Manuel Ruella, acaba de ser nomeado contador da comarca de Aveiro, visto seu pae, que durante muitos annos exerceu aquelle logar, se ter agora aposentado.

Felicitamos cordealmente o dr. Alberto Ruella, que pela sua intelligencia e pelo seu caracter, ha de saber, como poucos, honrar o seu novo cargo.

Os "placards" da "Liberdade"

Durante os ultimos dias, recebemos os seguintes telegrammas, que afixámos no nosso *placard*:

Os reis de Italia ao entrarem no *Pantheon* de Roma para ouvirem missa por alma do rei Humberto, foram alvejados por trez tiros que feriram um militar da comitiva.

—— O presidente do ministerio fez importantes declarações sobre a politica internacional da Republica, lendo as clausulas dos tratados com a Inglaterra em que esta se compromette a defender a integridade dos nossos territorios e afirmou com previo assentimento dos gabinetes de Londres e de Berlim, que nenhum tratado secreto existe que ameace os nossos direitos. Toda a camara applaudiu enthusiasticamente e applaudiu o ministro pelas suas patrioticas declarações.

—— Passaram n'esta cidade, ás 20 horas, com destino a Bragança, algumas forças de cavallaria 8 e lanceiros 2, que seguiam em comboio especial.

—— O dr. Affonso Costa chegou ás 15 horas. A manifestação no Tejo, Terreiro do Paço e rua do Ouro foi imponentissima, tendo sido interrompido o transito dos electricos por largo tempo. As manifestações continuam apezar da chuva.

Recreio Artistico

Esta florescente associação solemnisou o seu 16.º anniversario, offerecendo segunda-feira, aos socios e suas familias, uma reunião dançante que se realisou no Theatro Aveirense e que decorreu sempre no meio da maior animação.

Na terça-feira estiveram as suas salas expostas ao publico, desde as 3 horas da tarde até ás 7 da noite.

Agradecemos penhorados o amavel convite que nos foi dirigido.

Cá por casa

Erros de revisão—Falta de espaço — Artigos a publicar

Os artigos do director da *Liberdade* nunca por elle são revistos. Veem de Lisboa tarde e não ha tempo para lhe serem enviadas as provas. Escapam n'elles, por isso, algumas incorrecções e sobretudo por vezes succede alterar-se o sentido d'aquillo que vem escripto.

No primeiro artigo intitulado—*Para os portuguezes lerem* —aqui publicado no nosso penultimo numero, por exemplo, dizia-se que nós responderiamos firmemente a quem nos perguntasse se criamos na viabilidade da Republica,—que não criamos. Pois o que estava escripto dizia que nós a essa pergunta responderiamos—que não criamos firmemente.

Faz sua diferença.

A primeira afirmação seria cathegorica. A segunda envolve uma duvida apenas e como se deduzia do resto d'esse artigo e dos sequentes, nós apenas manifestámos uma duvida que continuamos a manifestar.

O resto, esperamos sempre que os nossos leitores o corrijam.

* * *

A falta de espaço com que luctamos e com que nos teremos de vêr a braços até que se faça a installação da nossa typographia, não nos deixa publicar ainda n'este numero alguns artigos que desejariamos publicar.

O artigo de Padua Correia, a entrevista do dr. Affonso Costa com um redactor da *Action*, em Paris, entrevista que ainda não foi publicada por nenhum dos nossos jornaes, uma interessante conversa que tivemos com um distincto oficial da armada sobre a defeza naval, bem como outros artigos que não perdem a actualidade, ficam esperando logar no acanhadissimo espaço de que dispômos.

FEIRA DE MARÇO

Proseguem com grande actividade, achando-se quasi concluidos, os trabalhos de abarracamento da tradicional feira de março, que todos os annos traz a esta cidade um grande numero de forasteiros.

A abertura da feira realisa-se no proximo dia 24.

THEATRO AVEIRENSE

20:000 dollars

Com esta magnifica peça apresentou-se na ultima sexta-feira, no nosso theatro, a Companhia do Nacional.

A fama de que vinha precedida a explendida comedia americana que em Lisboa conseguiu dar 100 representações seguidas, fez com que a nossa pequena casa d'espectaculos tivesse uma bella enchente, caso muito raro entre nós.

O grande exito da peça justifica-se de facto, porque é difficil encontrar, hoje, no theatro, uma obra que reuna tantas condições d'agrado e que tão vivamente prenda a attenção e o interesse do espectador.

«20:000 dollars» é uma comedia interessantissima onde ha espirito, bom humor, emoção, imprevisto, não lhe faltando, para ser completa, um leve fio d'amor d'um coração feminismo, tão forte, tão arreigado, tão enternecido que triumpha, n'uma ancia legitima de felicidade.

O desempenho foi brilhante e harmonico.

Carlos Santos encarnou com talento o Sanson, gatuno fino e audaz que o amor torna um homem de bem.

Luiz Pinto admiravel no *detective*.

Ignacio no Dik, tem uma verdadeira creação.

Palmyra Torres a primor na apaixonada *miss* Rose, e Lucinda desempenhou superiormente o seu papel.

Augusto de Mello deu-nos no 1.º acto, no director do presidio, um authentico e portuguez chefe de repartição, que nada faz, mas sempre cançado de trabalho *esmagador*.

Pinheiro e Joaquim Costa explendidos e correctissimos como sempre.

Emfim, a noite de sexta-feira foi mais um triumpho para a Companhia do Nacional, a quem o nosso publico enthusiasmado não regateou applausos.

Pena é que muitas noites d'estas se não repitam e que os *20:000 dollars* não voltem ao nosso theatro que decerto se encheria de novo.

O velho capitão de marinha mercante Maximo

Ha mais de trinta dias que este valente homem do mar sahiu a barra de Lisboa em demanda dos Açores, sem que até hoje se saibam noticias a seu respeito. Conhecedor como era da carreira maritima para aquelle archipelago, todos presumem que algum contratempo o colheu de surpreza, obrigando-o a permanecer ainda no alto mar, corrido pelo temporal.

Oxalá que o velho capitão Maximo consiga aproar a porto de salvamento, para tranquillidade não só de sua familia, como de todos os seus amigos d'esta terra. São esses os nossos votos mais calorosos.

Optimismo

Nas suas entrevistas com os jornalistas e homens publicos de França e da Suissa, o dr. Affonso Costa manifestou sempre uma grande fé nos destinos de Portugal. O illustre republicano é um verdadeiro crente e é além d'isso um verdadeiro estadista.

A facilidade com que elle sabe encarar e resolver as mais difficeis questões, o seu talento e a sua coragem, fazem-o vêr com optimismo a situação nacional, que é seria e grave.

Mas além d'isso, o dr. Affonso Costa é um estadista a valer. E não seria nunca um verdadeiro e habil homem de estado, aquelle que em terra estrangeira fosse dizer que tinha duvidas sobre o futuro do seu paiz, está bem de vêr.

Ao chegar a Lisboa, o dr. Affonso Costa reproduziu aos jornalistas portuguezes as suas impressões, fallando mais uma vez em governos de concentração e em união republicana, julgando com a sua sinceridade, que é possivel ainda a velha união dos republicanos.

N'este e n'outros assumptos nós discordamos do illustre homem de estado e nosso amigo, a quem pessoalmente já temos manifestado as mesmas duvidas e os mesmos receios que aqui vimos expondo.

Os nossos desejos são que o povo portuguez possa, no seu futuro, dar razão ao optimismo do snr. dr. Affonso Costa e desmentir por completo o nosso pessimismo.

Despedida

Eu abaixo assignado, não me sendo possivel despedir-me pessoalmente de todos os amigos e companheiros, faço-o por este meio, pedindo a todos desculpa de qualquer falta que involuntariamente commettesse.

Moitinhos, 17 de março de 1912.

Manuel Marcella.

Nenhum perigo internacional presentemente nos ameaça

A ALIANÇA INGLEZA

O presidente do ministerio lê ao Parlamento as clausulas da aliança entre Portugal e a Inglaterra.

Foi um dia solemne para a nação portugueza, esse em que o snr. dr. Augusto de Vasconcellos, chefe do governo, léu á camara as principaes clausulas do nosso tratado de aliança com a Inglaterra.

Esse tratado que a monarchia sempre conservou occulto e de que sempre fez misterio, para com elle intimidar a revolução republicana, acaba de ser conhecido pelo povo sob o regimen republicano.

Por elle se verifica que existe realmente uma aliança entre as duas nações amigas, aliança de povos e de interesses communs, aliança de povos que se devem mutuo auxilio em caso de guerra ou de perigo para os seus direitos e para a integridade dos seus territorios.

Outras declarações importantes fez ao Parlamento o presidente do gabinete, e essas foram que nenhum tratado existe entre a Allemanha e a Inglaterra que ponha em risco ou constitua uma ameaça para o nosso dominio colonial.

Estas declarações, feitas com previo assentimento dos governos de Berlim e Londres, provocaram na camara e no paiz o mais justificado enthusiasmo, enchendo de satisfação os corações de todos os portuguezes dignos d'este nome e amantes da sua Patria.

Só a reacção, verde como a bilis e a pelle dos reptis, se mordeu de raiva. A reacção monarchista, a tal que prefere ver a nação em poder do estrangeiro a vel-a governada por uma Republica patriota e portugueza.

PELA IMPRENSA

Completou um anno de existencia o nosso collega *O Severense*, que agora passou a denominar-se *Tribuna Livre*. E' seu director o snr. Generoso Rocha e administrador o snr. Eduardo Arvins.

— O *Correio de Aveiro* publicou, no domingo, um numero especial, o qual insere o retrato do seu administrador e redactor, snr. José Maria Barbosa, por motivo do seu anniversario natalicio.

As nossas felicitações.

VIDA MILITAR

Depois de terem ministrado a instrucção de tiro ao alvo, aos recrutas do 2.º batalhão de infantaria 24, recolheram de diligencia na carreira de tiro, os snrs. capitão Martins, alferes Ferreira e 2.os sargentos E. d'Almeida, Soares e C. d'Almeida.

Foi muito consideravel a percentagem obtida no tiro pelos recrutas.

═ Recolheram de diligencia: a Portalegre, os 2.os sargentos V. d'Almeida, e a Thomar, o 1.º sargento Carvalho, ambos de infantaria 24.

═ Depois de ter prestado as provas para o concurso para promotor de justiça dos tribunaes militares territoriaes, regressou de Lisboa, o capitão de infanteria 24, snr. S. de Vasconcellos.

═ Foi colocado em infantaria 24, vindo com passagem do regimento de infanteria de reserva, o 2.º sargento Accacio Teixeira Lopes.

═ Vindo do 3.º batalhão de infanteria 28 (Agueda), chegou a Aveiro em 15 do corrente, á tarde, o snr. general commandante da 5.ª divisão militar, acompanhado dos seus ajudantes de campo. Sua ex.ª visitou em 16, de manhã, as dependencias de infantaria 24, onde assistiu aos exercicios executados pelas companhias de instrucção e que foram:—tactica e emprego de fogos na ordem unida, exercicios estes que foram executados pelos pelotões, que manobraram de per si e depois reunidos, constituindo as duas companhias de instrucção; em seguida houve exercicio de gymnastica sueca.

Sua ex.ª ficou bastante satisfeito com os resultados obtidos na instrucção.

A' despedida, disse que se orgulhava de commandar a divisão a que pertencia o regimento de infantaria 24.

Retirou no comboio da manhã para Ovar, a fim de visitar as dependencias do 3.º batalhão de infanteria 24, que está aquartelado n'aquella villa.

Por absoluta falta de espaço, somos forçados, á ultima hora, a retirar muitas correspondencias e alguns artigos que, por não perderem a opportunidade, irão no proximo numero.

Pelo districto

Moitinhos, 17-3-912.

Falla-se muito n'uma nova incursão dos 621 *Couceiristas* além fronteiras.

Virá tambem o padre Mattos e o bispo de Beja? Deverão ser bem *recebidos! Bemvindos sejaes* para este vosso desprezado torrão patrio. Depois sereis amnistiados, pelo vosso dedicado amigo, dr. Antonio Zé, isto é, os felizardos que escaparem á chacina que vos estará reservada pelo nosso patriotico exercito, que recebeu a Republica de braços abertos e que bastantes sacrificios fez para derruir o throno brigantino. Os inimigos das instituições andam algo satisfeitos por se fallar tanto—e com perversidade inaudita—n'essa arrojada segunda tentativa de *restauração*, e esses apologistas que tanto enaltecem a monarchia dos *adiantamentos*, parece já verem o *Manuelsinho* sentado no throno, depois da *barrella* que soffreu no dia 5 d'outubro de 1910.

Querem mais sangue? Ainda o ha felizmente em Portugal, capaz dos maiores sacrificios em prol d'uma causa justa e santa, a qual será em deffender a nossa querida Republica das garras aduncas d'esses vis traidores que infestam a nossa visinha Hespanha, com o intuito *bellico* de nos aniquillar.

A amnistia pedida por um *evolucionista*—que outr'ora tanto subiu—só aproveitaria para os que gosam a liberdade e teem todas as regalias no estrangeiro, mas para os encarcerados, era desnecessaria porque lá estava o extincto tribunal das Trinas para os mandar em paz inda alguns unirem-se aos seus irmãos nas fronteiras hespanholas, como aconteceu ao capitão Ferreira—*innocente* como outros mais.

Bem fez o critico audaz, republicano sincero, Padua Correia, em pedir uma amnistia geral que causou hilariedade nas galerias da Camara Parlamentar.

Suzano.

Communicado

POR VAGOS

O *Jornal de Vagos*, gazeta official da actual Commissão Municipal, diz-nos em laudatorio artigo de fundo do seu n.º 662, coisas deveras mirabolantes ácerca do esgotado problema — zero — da agua para a villa... *A tout seigneur tout honeur!*—Está certo:

Que o snr. presidente fôra a Lisboa; que se fizera acompanhar por um vereador (e por signal o não podia ser pois que nem eleitor é!... mas é genro de um capitalista... e ça suffit!); que tambem o acompanhou o seu secretario—da Commissão—pois poderia precisar dos seus serviços para o levantamento de algum auto de infracção, ou para fazer as minutas das actas relativas aos trabalhos que fosse effectuando, podendo, assim, provar aos collegas que não foram convidados para assistir aos *trabalhinhos*, a importancia do seu *labor*.

Que fôra a Commissão (!?) *fallar directamente com os ministros que teem de dar a sua annuencia para a acabamento das obras, sobre o abastecimento da agua na villa.*

Ora, estaria certo, se fosse certo; mas não está certo, e assim, não afina! Vejamos porquê:

... *Foi o snr. Governador Civil quem deu conhecimento aos ministros de que a questão da falta da agua na nossa terra era um assumpto que necessitava ser resolvido o mais breve possivel.*

Ora assim é que dá certo. Não foi a Commissão (!?) foi o snr. Governador Civil.

E o que fez a Commissão? E' segredo—*non xe xabe.*—Apenas sabemos que V. R. esteve no Suisso e... mais nada.

Pois melhor fôra terem empregado esse tempo assim perdido e ficarem estudando para aprenderem alguma cousa de administração publica a fim de poderem (*ao menos toleravelmente*) desempenhar o melindroso cargo de que foram investidos, por virtude de uma indicação que reputo suspeita e fundamente opposta ás necessidades do municipio a bem da sua administração, como se vae ver da seguinte exposição que passo a fazer para conhecimento do publico e com vista ao ex.mo Governador Civil, aos membros da Commissão Districtal e ao Governo da Republica:

Expondo:—Já no tempo da nefasta monarchia foi feita uma proposta, em requerimento, á Camara Municipal com a offerta, como base de licitação, da quantia de trezentos mil reis para aforamento de um baldio, proposta que foi regeitada. Depois de implantada a Republica, ahi pelos principios de 1911, nova proposta foi feita pelo mesmo pretendente, isto, quando já dirigia os negocios do municipio a primeira Commissão nomeada (*que não era composta de nenhuns blanc-becs*). D'esta vez porém a proposta poderia tomar-se como gracejo porque em logar de sustentar o preço primitivo diminuiu-o de cincoenta por cento; isto é, offerecia apenas cento e cincoenta mil reis!

Claro que a Commissão nem se deu ao trabalho de discutir o disparate.

Posta á margem esta Commissão, foi ella substituida por outra e esta ainda por uma terceira, d'estas fazendo parte, sempre, o actual presidente.

Passou-se algum tempo e, não sei como veiu á tella da discussão o *negocio* propôsto: E' *examinado* por uma Commissão de *technicos* o tal baldio; gastou a Camara dinheiro com o *exame* que se fez, depois do que, não sei bem como é combinada uma entrevista com o pretendente, o presidente e um ou mais vereadores, com o respectivo secretario, no local do baldio, aonde se *ajustou* que essa sesmaria de muitos milhares de metros ou bastantes centenas de hectares, iria á praça, não com a baze dos trezentos, nem dos cento e cincoenta mil réis já offerecidos, mas simplesmente com a de cento e vinte e cinco mil réis!!!

E assim se fez!

No dia da praça o snr. dr. Poiares não *poude ou não quiz* vir ser comparsa na conclusão da tal comedia *acomodaticia*. Deu as suas instrucções e, alguem appareceu que licitando com cinco tostões, *recebeu o ramo!* Edificante! Bela administração! Inteligente e habilissima Commissão!

Desgraçado concelho!

Pois, senhores! Não param aqui as belezas:

Segundo o que se lê no mesmo *Jornal de Vagos* n.º 663 ha, em projecto, a continuação de nova *negociata* mediante a qual, a troco de uns quarenta mil réis por anno, ou seja o preço do valor venal, a insignificantissima quantia de oito centos mil réis, offerecida pelo mesmo snr. dr. Poiares, a Commissão pretende pedir, ou já pediu, auctorisação para entregar ao pretendente o dominio de toda a extensão desde a Vigia, proximo a Vagos, até ao limite norte do concelho de Mira entre os prazos da Gafanha e logar de Calvão, de cuja sesmaria, parte, já pertence ao dr. Poiares, graças á *legal arrematação* de que acabo de fallar!

Não consultou a Commissão como, n'este caso devia, o Governo da Republica, pedindo mesmo, o revestimento d'esta importante zona para interesse do povo e engrandecimento da riqueza Nacional. Isto, sim, é que era de louvar. Mas, mais comodo é fazer crer aos papalvos que consegue fazer augmentar a receita. Ella porem, não é capaz de comprehender que augmentando por tal processo a receita, impobrece consideravelmente o municipio, pois que despreza a maior e aproveita a menor offerta!

Em outros artigos tratarei de provar, ainda, que a Commissão descura dos seus deveres para só se entregar a phantazias. Demonstrarei ao publico, esclarecendo-o, sobre factos de ruinosa e parcial administração, como:

A agua e sua conducção para a villa e a verba da viação destinada á construcção dos Paços do Concelho e mais repartições publicas, pontes e caminhos a cargo da camara; o seu estado e o desplante com que se quer dispor da verba que lhe pertence, para a qual concorreram todos os contribuintes, em favor de um *punhado* de moradores da séde.

Ninguem perderá com a pequena demora.

Hachette.

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na Tabacaria Monaco, ao Rocio.

Ultima hora

Depois de escripta a noticia sobre o velho capitão de marinha mercante snr. Maximo, que em outro logar vae inserta, chega-nos a agradavel communicação de que já appareceu por alturas de S. Miguel. Muito nos regosijamos.

Companhia do Gaz

Por motivo da *greve* carvoeira da Inglaterra, consta-nos que a Companhia do Gaz d'esta cidade vae pedir á Camara para apagar a illuminação publica á uma hora da madrugada.

Annuncios

ARREMATAÇÃO

(*1.ª publicação*)

POR deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados, no inventario orphanologico a que n'este Juizo e cartorio do escrivão do 4.º officio se procede por fallecimento de Jeronymo Duarte, casado, que foi morador no logar de São Bernardo, freguezia de Nossa Senhora da Gloria, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Thereza de Jesus, viuva do fallecido, residente no mesmo logar, vae á praça no dia 14 de abril proximo fucturo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, para ser arrematado por quem mais offerecer acima da sua avaliação, que é o preço por que vae á praça, o seguinte predio pertencente ao casal inventariado:

Uma terra lavradia com todas as suas pertenças e servidões, situada no local denominado o Arieiro, limite do referido logar de São Bernardo, no valor de 200$000 réis.

Este predio acha-se descripto na conservatoria d'esta comarca com o numero 16:886 a folhas 93 verso, do Livro B quarenta e sete, e vae á praça com a condição de toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despezas da praça serem por conta do arrematante.

Pelo prezente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alludida arrematação para virem deduzir os seus direitos nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 18 de março de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão,

O Escrivão do 4.º Officio,

João Luiz Flamengo.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

POR o Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do quarto officio—Flamengo, nos autos de inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Manuel José de São Marcos, casado, que foi morador na rua do Espinheiro, da villa e freguezia de Ilhavo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Rosa Maria do Veu, viuva do fallecido, residente na mesma rua e villa, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, chamando e citando o interessado, neto do inventariado, Samuel de São Marcos, solteiro, de dezessete annos, ausente em parte incerta, filho de José de São Marcos e de Emilia de Jesus Tourega, já fallecidos, para assistir a todos os termos até final do dito inventario, sem prejuizo do andamento do mesmo, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca, sob pena de revelia.

Aveiro, 9 de março de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão,

João Luiz Flrmengo.

DIVORCIO

(*1.ª publicação*)

POR o Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º officio, Barbosa de Magalhães, correu seus devidos e legaes termos uma acção especial de divorcio, em que foi auctora Helena Gonçalves Capitôa, proprietaria, residente em Aveiro, e réu seu marido Laureano Ramires Fernandes, ausente em parte incerta.

E, n'esta acção, foi decretado o divorcio litigioso entre os conjuges, com o fundamento nos numeros 5 e 6 do art. 4.º do decreto de 3 de novembro de 1910, por sentença de 5 de março corrente, que foi devidamente publicada e intimada e transitou em julgado, o que se annuncia para os effeitos legaes, nos termos do art. 19.º do citado decreto.

Aveiro, 19 de março de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão,

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

ARREMATAÇÃO

(*2.ª publicação*)

NO dia 24 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, nos autos de execução de sentença commercial em que é exequente Antonio Gonçalves Bartholomeu, casado, negociante, de Verdemilho, e executado Manuel d'Oliveira Montella, solteiro, taberneiro, de Sarrazolla, vão á praça para serem arrematados e entregues a quem maior lanço offerecer acima das respectivas avaliações, varios moveis e objectos, differentes garrafas e algum vinho, tudo penhorado ao executado.

Pelo presente são citados os credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 11 de março de 1912.

O escrivão do 3.º officio,

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei.

O Juiz de Direiro,

Regalão.

Arrematação

(2.ª publicação)

POR deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados, no inventario orphanologico a que n'este Juizo e cartorio do escrivão do quarto officio se procede por fallecimento de João Nunes Torrão, casado, que foi morador na rua de Cimo de Villa, freguezia de Ilhavo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Henriqueta Nunes da Fonseca, viuva do fallecido, residente na mesma rua, vão á praça no dia quatorze de abril proximo futuro, por onze horas, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade, para serem arrematados por quem mais offerecer acima da sua avaliação, que é o preço por que vão á praça, os seguintes bens, pertencentes ao casal inventariado: Uma propriedade de terra lavradia com todas as suas pertenças, sita na Arrôta da Chousa Velha, limite da freguezia d'Ilhavo, no valor de cento e vinte mil réis; e uma propriedade de vessada e costeira, sito no logar da Legua, limite da mesma freguezia, no valor de noventa mil réis. Nenhum d'estes predios se acha descripto na Conservatoria d'esta comarca. Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alludida arrematação para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 8 de março de mil nove centos e doze.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 4.º officio,

João Luiz Flamengo.

Regimento de cavallaria n.º 8

ANNUNCIO

O concelho administrativo d'este regimento faz publico que no dia 2 de abril, pelas 12 horas, se procederá á arrematação das rações de verde para os solipedes d'este regimento e a elle addidos.

As condições d'esta arrematação estão patentes todos os dias uteis, desde as 11 ás 15 horas, na secretaria do concelho administrativo d'este regimento.

As propostas serão acompanhadas da quantia de 20$000 réis como caução provisoria e entregues até ás 11,5 horas do dia da arrematação.

Quartel em Avairo, 18 de março de 1912.

O secretario do conselho administrativo,

Carlos Gomes Teixeira.

Tenente d'administração.

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

PELO juizo de direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º officio—Christo—se processaram e corrêram seus termos uns autos de inventario de menores, a que se procedeu por obito de José Fernandes Bagão, morador, que foi, em Ilhavo, e em que serviu de inventariante, a viuva, Julia Pereira Rainha, alli moradora; e tendo fallecido o interessado menor Rolando, filho do inventariado, procede-se no dito inventario á respectiva partilha do quinhão do mesmo fallecido Rolando e para a qual correm editos de 30 dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio, a citar os interessados João Fernandes Bagão, solteiro, maritimo, de 17 annos, e José Fernandes Bagão, tambem solteiro, maritimo, de mais de 14 annos, ambos ausentes em parte incerta, irmãos d'aquelle fallecido Rolando, para assistirem até final a todos os termos do inventario e partilha do mencionado quinhão e deduzirem a opposição que tiverem por meio de embargos ou impugnação nos termos dos artigos 697, 698 e 699 do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 5 de março de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

A Colossal
DE
Mamodeiro

—(*)—

Fazendas, mercearias, muidezas, tintas, oleos e ferragens.
Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.
Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.
Sulfato de cobre e enxofre.
Cimento **Portland.**
Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicycletas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles

Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)

(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

COLLEGIO MODERNO

PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

ESTAÇÃO DE INVERNO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

MOTOS F. N.

A quem procure empanar o colossal triumpho da moto F. N. conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o successo ao incendio na machina do concorrente, podemos responder triumphantemente que n'esta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada machina como tambem a sua boa construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca F. N. sobre todas as outras, porque só ella com a sua solida construcção poderia resistir a todas as eventualidades que surgem n'um percurso tão longo, sobretudo n'uma epocha de tão rigorosa invernia.

Agente exclusivo da marca F. N. no districto de Aveiro,

JOAQUIM GUERRA.

Agueda

Padaria Macedo
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão hespanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.
Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterina, vinhos finos.
Café, especialidade d'esta casa, a 720 e 600 réis o kilo.

AO MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.
Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.
Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª
Sôza—Aveiro.

LIVRARIA CENTRAL E PAPELARIA
— DE —
BERNARDO DE SOUZA TORRES

Praça do Commercio
AVEIRO

Livraria, papelaria, e officina de encadernação.
Grande sortido de papeis nacionaes e estrangeiros.
Objectos para escriptorio, desenho e pintura.
Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Livros em branco para escripturação commercial.
Artigos para brindes.
Chá em pacotes.
Deposito de tintas para escrever, marca D. Pedro IV.
Fornecimentos para escolas.
Sempre novidades em bilhetes postaes illustrados e com vistas d'Aveiro.
Cervejas e gazozas.
Cordas para instrumentos.
Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.
Sabonetes nacionaes e estrangeiros.
Pós e pasta para dentes.
Loções para o cabello e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAES.

Ricardo da Cruz Bento
PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.
Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.
Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio e diversas miudezas.

A Liberdade

JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias) . .	1$200 réis
Semestre . . .	600 »
Brazil (anno) moeda forte . .	2$500 »
Avulso . . .	20 »

Annuncios

Por linha . .	40 réis
Communicados .	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne
Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita—AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
=DE=
Francisco Casimiro da Silva

COJO—AVEIRO

—=(*)=—

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc

Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.
Executa-se qualquer mobilia por catalogos.
Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.
Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.
Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

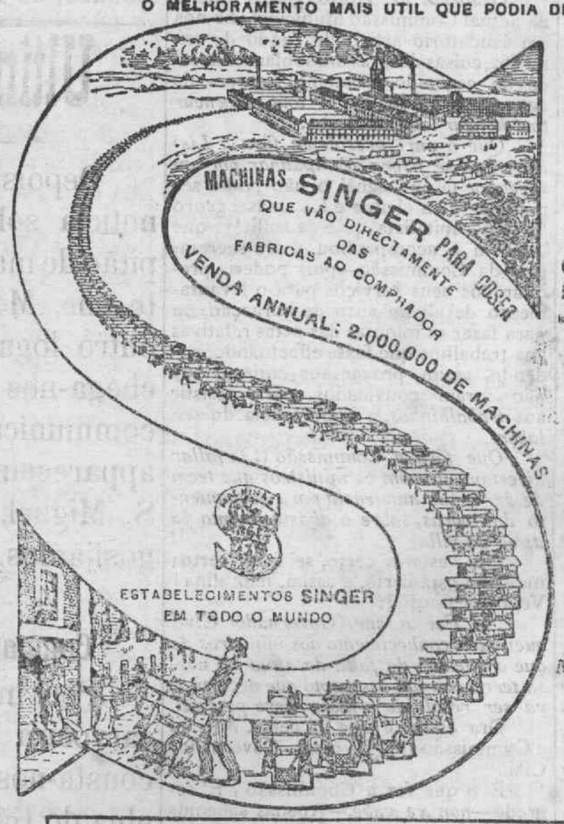
DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES
Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA
RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS

Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.